



Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

TRIBUNA DE COIMBRA

● Há muito não damos conta das mãos que encontramos estendidas para nos ajudar. Faz-nos bem recordar e dar graças a Deus. A partilha voluntária da nossa vida é um dom de Deus.

Ontem o correio trouxe carta e cheque de um Médico de Coimbra. A mensagem escrita diz assim: «Esta importância vem de bens que o Senhor quis pôr nas nossas mãos; são d'Ele e não nossos».

O mesmo correio, da mesma terra, trouxe outra carta a dizer: «Mais uma ajudinha. O que vale hoje esta migalhinha?...» Respondi que as migalhas são pão; e oferecidas e colhidas com amor são sempre pão saboroso.

● A mensagem da primeira carta fez-me muito bem: «Os bens que o Senhor quis

pôr nas nossas mãos!» Os dons que Deus quis partilhar conosco! E nós a fazermos-nos donos dos dons de Deus! E nós a pretendermos ser senhores! Ouço a voz de Pai Américo: «Nós não somos senhores de nada; nós somos uns senhores».

Todos os bens que Deus fez e que os homens têm aproveitado e feito frutificar, se fossem partilhados, chegariam para o pão de todas as bocas. Há tanta fome no Mundo! Há fome no meio de nós...!

Muitos teimam em fechar os bens. Têm coração — cofre que se não abre. Fecharam-se. Estancaram a vida. São vidas assassinas. Vidas tenebrosas onde não entra o sol.

Vamos abrir as nossas janelas e as nossas mãos.

Padre Horácio



Todos os bens que Deus fez e que os homens têm aproveitado e feito frutificar, se fossem partilhados, chegariam para o pão — e para a habitação... — de todas as bocas. Há tanta fome no Mundo! Há fome no meio de nós...!

MAIS UM LIVRO DE PAI AMÉRICO

4.º volume do PÃO DOS POBRES

Não tarda a aparecer em vossas casas — pelo correio — mais propriamente na mão dos estimados Assinantes da nossa Editorial — o 4.º volume do PÃO DOS POBRES, que, entre outros, reúne artigos de Pai Américo publicados n'O GAIATO, do n.º 1 (5-3-44) ao n.º 26 (18-2-45). Um livro que enriquece a alma, o coração dos homens, e espelha a doçura do Evangelho.

A propósito: Numa época idêntica à actual, quando motivávamos pessoas para os primeiros volumes do PÃO DOS POBRES, em plena distribuição d'O GAIATO, um ou outro enxotava-nos: — Tira isso da minha frente...! Era uma obra difícil de gramar, de digerir. O nosso coração chorava... E Pai Américo escutava o nosso desabafo; serenamente, d'alma aberta, sem dizer quê. Depois, fazia doutrina chãozinha, prática, eficaz. Abria-nos Caminho. Esclarecia a vida, as reacções (psicológicas) dos homens. Mostrava a Luz — sem pingos de cera.

Os quatro volumes do PÃO

DOS POBRES são escritos num estilo ímpar, em altares de cruz, de sofrimento: na trapeira, na montureira, nos bairros de lata; pelos gemidos e... silêncio dos Pobres — «com letra maiúscula», substantivados.

Vamos dar a palavra a Pai Américo. Ouvir e sentir o pulsar da sua alma grande. Tão grande e cheia de Cristo, que O identificava plenamente nos mais Escorraçados, em todos nós, aos quais se deu inteiramente até ao fim — que «as Árvores morrem de pé»!

Aqui está: «**Final de contas, sem de tal me acordar, del eu mesmo o nome ao livro na hora em que o anunciei — PÃO DOS POBRES. Assim me sugeriram, por carta e de viva voz, pessoas amigas da Obra da Rua: «Seja padrinho e pai». Será por conseguinte assim chamado o livro que vai correr mundo.**

(...) Quantas vezes não faço eu esta nota de semana rentinho à cama onde sofrem. Por isso te feres nas letras e vens acusar a tua presença no lugar

onde eu estiver. Sim, há-de ser o teu livro de horas.

Será dedicado ao Pobre; ao Pobre com letra maiúscula, sentido absoluto que abrange a legião dos Famintos e dos Escorraçados por amor de quem tenho feito sangue nos pés e desejaria dar todo o das veias para melhor os servir e mais perfeitamente os amar.

Chama-se PÃO DOS POBRES o que vais saborear. Não tem prefácio. Eu podia ir ter com um senhor grande e falado a pedir os dizeres do estilo, mas não. O Pobre é coisa tão santa e tão divina a missão de o servir, que unicamente sabe o que diz quem for pobre ou servo deles; as experiências não se transmitem.»

Aconchegado nas páginas desta edição vai um postal RSF (resposta sem franquia), particularmente dirigido a quantos desconheçam as nossas edições, os livros de Pai Américo, e queiram abrir a alma às riquíssimas páginas que ele nos legou, de forma pessoalíssima, cuja palavra, mastigada na

Boa Nova, tem sabor de Eternidade.

Estamos em época de férias. O PÃO DOS POBRES poderá ser delícia para uns e Caminho novo para outros. No entanto, para quantos já possuam alguns livros de Pai Américo, o postal RSF avivará, naturalmente, o apetite por mais...

A devolução do postal é fácil: Basta asinalarem, no dito, o que mais interessa e escreverem o nome e endereço em letra bem legível — para não haver confusões. Depois, colocá-lo no marco do correio mais próximo. O resto será conosco. A remessa chegará, oportunamente, a vossas casas.

Não deixem para amanhã o envio do postal. «A hora que passa é tua. A que passou já não é. A que vem, não será...» — adverte Pai Américo. E continua: «**Anda, que comprar o PÃO DOS POBRES é o mesmo que dar pão aos Pobres.**

O grupo encarregado da expedição dos livros, ainda que pequeno, já está operacional, do «Albufeira» ao «Lourinho» — chefe do grupo. Como é óbvio, não há caras estranhas. São nossas. São gaiatos. Ressuscitados da Rua. Daí, a remessa que chegar a vossas casas é trabalho das nossas mãos, envolvida num quente e salutar abraço — dos pequenos aos maiores.

Júlio Mendes

NOTAS DA QUINZENA

□ Tão preocupados e tristes aqueles pais...! Todos os sonhos a dois (compra dum terreno, empregos assegurados, construção da casa e educação dos filhos) ficaram vazios de sentido. Dois dos filhos deram em não acatar as ordens e conselhos paternos, andam por lá e só aparecem às refeições como os parasitas. Os pais perderam a alegria de viver, ficaram apáticos e frios. Tanta pena me fazem!

Contei-lhes a história verdadeira duma senhora de Lisboa que tem cinco filhos. Todos saíram de casa e andam na droga. A mãe todos os dias prepara os seus quartos e põe a mesa como se eles, felizes, viessem sempre. Ela tem esperança e o seu coração maternal adivinha a emenda e prepara o encontro.

Falei-lhes, também, na paciência do Senhor; às vezes, uma vida inteira à nossa espera. E, quando nós entramos, tem

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

MEMÓRIAS DO CORRÃO

FESTAS — Cá em Casa, todos nos lembramos dos preparativos e das primeiras salas que visitámos este ano.

É altura de continuarmos a noticiar o rescaldo. A última Festa referida foi a de Castelo Branco. Depois um rol delas: Tomar, Mira, Praia de Mira, Cantanhede, Arganil, Lousã, Mealhada, Anadia e, por último, Febrés.

Tomar foi numa sexta-feira, à noite. A sala encheu. O público muito receptivo. Ofereceu-nos mimos e outras coisas mais. Gostaram de nos ter com eles. No fim, a tradicional merenda que muito bem nos soube.

No fim-de-semana seguinte, em Mira e Praia de Mira. A Casa do Povo de Mira ficou repleta. Muita alegria e boa disposição. Foi a segunda vez que realizámos aqui a Festa. Antes dela, almoçámos na nossa casa da praia. Gostámos do almoço que nos ofereceram, assim como termos estado com os nossos Amigos — compartilhando com eles a mensagem do trabalho. Para eles é uma árdua tarefa, por vezes arriscada, e muitos de nós — que saboreamos o fruto do trabalho de outros — nem sempre nos apercebemos deste sacrifício. Tal como o ano passado, a receita reverteu a favor da construção da nova igreja da Praia de Mira.

A Festa em Cantanhede foi sábado, no salão dos Bombeiros. A afluência ao nosso convívio é sempre grande. Também gostaram do programa, como nos outros lados; e, após a merenda, ofereceram garrafas do seu vinho, do qual nós todos gostámos muito.

No domingo a seguir, fomos a Arganil. Partimos cedo para participar na celebração da Eucaristia, e, depois, reunimo-nos para comermos o farnel que trazíamos de Casa. Admirámos a paisagem e andámos

ASPIRE...

Aspire...

Harmonizar a vida!

Construir uma eterna alegria!

Lutar contra a desonestidade!

Conquistar a sua liberdade!

Não tenha medo!

Haja credo.

E... deixará de andar atormentado Para viver tranquilo e civilizado.

Aspire...

Equilibrar as suas emoções!

Corrigir as suas desconsiderações!

Ganhar honestamente o seu pão!

Merecer a amizade de qualquer

Não tenha medo!

Haja credo.

E... deixará de andar atormentado Para viver tranquilo e civilizado.

Manuel Amândio

aos grilos — um passatempo favorito. Aqui deparámos com um aglomerado de pessoas à espera de entrar. É sempre um público afectuoso.

Na Lousã, além daquilo que já referimos, houve um corte de luz que nos impossibilitou de actuar durante cerca de 30 minutos. Mas sem problemas: Começámos a cantar músicas conhecidas, acompanhadas à viola pelos nossos tocadores e pelo público. Ninguém «arredou» pé!

Na Mealhada, sala cheia, bom ambiente e, no fim, o «comes e bebes». As sobras vieram para Casa: 2 leitões inteiros!

Em Anadia, recepção idêntica.

Cada terra tem o seu jeito de captar a nossa amizade, de nos proporcionar alegria.

Anadia seria a última Festa. Febrés não estava no programa inicial. Mas foi em Cantanhede. As senhoras Professoras Primárias insistiram: que tinham um salário muito bom, que gostavam de nos ver lá, que nos dariam — e deram — muitos mimos como nas outras terras.

Chegámos ao fim. Foram 16 actuações em 14 localidades. Momentos de alegria compartilhada. Levámos uma mensagem que esperamos continui a retinir no íntimo de cada um por muito tempo. Deixámos alegria e promessa de tornar.

O nosso muito obrigado para todos os nossos Amigos!

Chiquito-Zé

Paço de Sousa

FUTEBOL — A nossa equipa continua no Torneio do F. C. Paço de Sousa.

Mais dois resultados: O primeiro jogo foi com o Assento e vencemos por 6-0. A segunda partida com o segundo classificado, o Junqueira. Pensámos que seria um grande encontro de futebol. Afinal, nem serviu para aquecer, pois ao fim de 15 m já vencíamos por 2-0. O jogo terminou com 3-0 e foi interrompido pelo árbitro aos 20m.

VISITANTES — Continuam a vir muitos visitantes à nossa Aldeia! As excursões aumentam dia a dia! São Escolas, muitos grupos de Catequese, pessoas de todas as categorias sociais e até Lares da Terceira Idade.

Venham todos! Nós somos a Porta Aberta.

INSTALAÇÃO ELÉCTRICA — A instalação eléctrica da nossa Aldeia precisava de ser remodelada! Por isso, está a ser completamente modificada. Os cabos eléctricos substituem os velhos fios de cobre.

A Câmara Municipal de Penafiel dispensou, generosamente, os electricistas necessários para fazerem a instalação que nos vai ficar cara, mas vale a pena. É uma obra que nos aliviará a factura da EDP..., que nos custa os olhos da cara! Quem dera a EDP nos oferecesse uma parte dos quilovátios que gastamos mensalmente...

CARAS NOVAS — Vieram mais dois do Porto. Já têm apelido: o

Victor é o «Fisga» e tem 11 anos; o Pedro é o «Pescador» e tem 13 anos.

Não tinham quem lhes desse guarda. Eram da rua...

José Carlos



As filhas do Rui Amílcar Lopes, que foi da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Setúbal

REGRESSO — Chegou o Márinho, o «Té».

Num dos últimos números de O GAIATO disse de como a mãe o veio «furar». Pois regressou, pelo seu pé. Fugiu à avó, Chegou ao nosso refeitório a chorar, com medo que o fôssemos castigar! Oh, alegria que todos sentimos! Como no Evangelho, também o julgávamos perdido...

Veio para o seu mundo. Foi tomar banho, vestiu-se de lavado, e foi jantar sob o olhar contente de toda a comunidade. Entregou-se ao seu mundo: o trabalho, a Escola, o recreio. Desejaríamos muito que a mãe não repetisse o «furto» e nos deixasse fazer do «Té» o homem que desejamos.

Aqui está a notícia para se alegrarem e comungarem do nosso regozijo.

FESTAS — Têm sido muitas e é preciso estar dentro delas para se avaliar o que são: um desabrochar para alguns; para outros, um estímulo. Os aplausos, o calor e a alegria das plateias, dizem-lhes que não são marginais. Tantos dos que viste, no palco, dançando, cantando e declamando, têm sido, ao longo da

permanência em nossa Casa, objecto de grandes cuidados para afastar deles alergias que a vida da rua lhes dera. Merecem bem os aplausos. Como dantes eram repelidos e escorçados, agora sentem alguém que acredita na sua ressurreição. São uns ressuscitados!

Só eles sabem avaliar o preço dos aplausos: Os recreios que sacrificam; os ensaios que se prolongam pelas noites dentro; o aborrecimento de repetirem a mesma coisa...

Uma nota de frescura habitual: o trabalho incansável dos nossos casados, nas Festas. Deixam o seu lar, a convivência da família, sacrificam tanta coisa para virem ensaiar, organizar e entusiasmar os irmãos mais novos! Sempre prontos! Isto é doação. Enquanto o egoísmo se quer instalar nos quatro cantos do mundo, estes nossos querem construir a paz. Conquistados, querem agora ajudar a conquistar.

As esposas vêm e querem também colaborar na preparação das roupas. Que bom! Que saborosos estes «rebuçados»! Como é bom sentir realizada a divisa da nossa Obra: «Deles, para eles e por eles». Semear para colher...

«BÁTATAS» — Temos um grupinho que manda respeito! A hora do trabalho é que se dá fé da quantidade e da qualidade destes nossos mais pequeninos. Os chefes designados para os comandar no trabalho, podem avaliar quanto a sua missão é árdua. Não é fácil controlar o «chilrear» destes «passarinhos» barulhentos e turbulentos!

Há deles bem marcados por taras familiares — que custam os olhos da cara aos chefes! Misturados com outros mais capacitados lá vão varrendo as ruas e fazendo outros pequenos serviços — como quem brinca. Volta e meia sentem-se os berros do «Bana-na» mais do «Choné». É a exigência e a persistência dos chefes e a recusa de fazerem a obrigação!

Não se podem pôr de lado... Os outros, trabalhando, são os melhores mestres dos companheiros mais atrasados.

Comandar este grupo, é missão de muita paciência. Professores preparados viam-se e desejavam-se, e ficariam aquém do à-vontade dos chefes que os comandam.

CARPINTARIA — Agora esta oficina está aberta para atender os fregueses.

Por via das nossas obras, mais pela minha doença, a oficina esteve muito tempo sem atender os fregueses. Agora não. Metemos um mestre — um rapaz que foi nosso — e atenderá os que necessitarem de trabalhos relacionados com o ofício de carpinteiro. Portanto, dá o alerta às pessoas que conheceis, da região de Setúbal.

LUÍS HENRIQUE — Este é outro foram à sacristia, às hóstias. Ontem, à hora da merenda, enquanto os irmãos eram servidos, estavam encostados a sentir o castigo.

O NOSSO PRELADO — Era domingo. Ainda a malta estava na cama já o nosso Bispo esperava pela hora da Celebração! Veio sem ninguém

contar. Somos do seu rebanho. Não nos esquece e liga-nos muita importância. Somos um ramo da Igreja, e Cristo está bem vivo nos nossos rapazes. Ele sabe bem e vem até nós para no-lo mostrar.

BEZERRENHA — Nasceu uma bezerrinha! Minha mulher, que àquela hora estava na vacaria pelo leite, foi puxada por eles para ver o acontecimento: «Venha ver!». E lá participou da alegria. Podia ser uma coisa banal; mas não, é sempre uma novidade. É sempre uma alegria que se renova. Oh, Natureza que tanto nos ensina!...

Ernesto Pinto

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Já não é a primeira vez que um ou outro Pobre s'abeira de nós lamentando impasses no deferimento da chamada *pensão social* — e nós temos que suprir...

O requerimento vai. Depois, vem um funcionário avaliar. E, passados meses, chega ou não aviso para *junta médica*. Por fim, um silêncio prolongado — perante a angústia de quem precisa. E nós continuamos a suprir...

São benefícios *rateados* de verbas orçamentais. Por isso, e como os Pobres merecem o nosso respeito, logo que os casos sejam avaliados, eles deveriam ser esclarecidos. Se sim — quando começariam a receber; se não — e porquê. Nem que seja dizer-lhes que já não há verba orçamentada.

● É uma mulher doente: «*Sofro da coluna, da vesícula, de mais cousas... Cada vez que vou à médico ele diz que estou pior...*»

O homem é pensionista e a mulher tem muito pouco para manter o lar. «*O q'ele recebe, e me dá, é pouco. Eu não aganto...! Não posso mais com a minha cruz...*»

As lágrimas que vimos escorrer pela face dela são idênticas às de outras *crucificadas*, de norte a sul do País.

— *Se puderem aliviar-me...*

Lá foi a cambalear, de lenço na mão, curtindo as suas dores, a sua cruz, um pouco mais aliviada.

● O rol cresce. Os Pobres sofrem cada vez mais!

É uma avó que ficou com os netos — à morte dos pais. Um dos pequenos estuda. O material didático, porém, é caro.

— *Estava p'ra ir à bendita... Levei quinhentos mil réis. Merquei uma régua e um compasso. Está a ver o troco! Se m'ajudassem... Se não... a gente arrumedeia.*

Nem revolta nem imprecações! «*A gente arrumedeia...*»

● É jovem mas tem já um doloroso calvário matrimonial.



O NOSSO JORNAL

VISTO POR DENTRO — É o «Piascas» quem imprime O GAIATO na Präsident. Mais de 50.000 exemplares!

Vimos, agora, de ao pé dele, olhos embebedos no amor posto na acção em que está investido — para a sua completa formação profissional.

O mais curioso é que ele começou a aprendizagem, nas Artes Gráficas, há meio ano!... Um avanço inacreditável, se avaliado por oficiais do mesmo ofício ou por técnicos de Formação Profissional. Superou, na prática, os resultados de uma Formação dita **acelerada!** Poderá otimizar os seus dotes, com muito tino (não se envaideça...), para amanhã ser um bom profissional.

Eis a história: Neste refazer constante, especialmente numa Obra como a nossa, houve que substituir um companheiro de trabalho — de aprendizagem — na máquina do jornal, chamado à vida militar. Ambicioso por saber mais, «Piascas» resolve, inteiramente por si, **correr o risco** (como não fazem muitos empresários...) e oferece-se para impressor na

grande plano-cilíndrica; tão grande que foi a última que a fábrica lançou no mercado!

— Não s'affligam!... Eu tomo conta! Vou tomar conta... — disse.

E o «Piascas», moço jeitoso, d'olhos insinuantes, arranca perante o receio e a admiração de quase todos! Lembrá-mos, então, como nunca, outro caso idêntico, há mais de trinta anos, quando O GAIATO começou a ser impresso em nossa Casa — pela mão dos nossos. Foi o Jacinto. Não tão dotado como o «Piascas», é certo, mas correu o mesmo risco — perante a admiração geral. **«Eu tomo conta!»**

É assim que se fazem os homens de valor, e, consequentemente, os grandes profissionais. É assim!

Para lá dos métodos e técnicas de Formação; para lá dos critérios pessoais de monitores ou promotores de Formação, tanto o Jacinto como o «Piascas» — e outros «Piascas» que têm sido nossos... — superam tudo e todos pelo seu querer (quando querem...) — e são **notícia**. Correm riscos?

Vivia na casa dos pais, que fora trespassada. Por isso, houve que arranjar outro ninho para o agregado, em tosa moradia que tencionam ampliar em regime de Autoconstrução.

— V. deem-nos a mão! A gente vive numa miséria...!

Logo que a obra começa, nós andaremos a par, de braço-dado, se Deus quiser.

A pobre mulher respira fundo. Sorri d'alegria. E despede-se com uma invocação: «Graças à Senhor, nosso Deus!»

PARTILHA — Gota a gota vão chegando samaritanos acudindo às necessidades dos Outros, para ajudas normais ou pontuais. Ai temos a assinante 31104 cumprindo um voto, para se «aplicar onde mais falta fizer, proveniente da participação duma despesa já feita, o que demonstra que ainda tenho meios para o fazer. O que recebi deve ser para quem mais precisar». O Evangelho sem floreios!

«Avó de Sintra» com 1.000\$00 numa carta amiga e um abraço, retribuído com o coração nas mãos. Oitenta anos tão jovens! A alma não envelhece. Nós é que a envelhecemos...

«Velha amiga» lisboeta, 500\$00 mais 500\$00 e «desculpem ser tão pouquinho, mas a vida está muito difícil». Basta os Pobres dizerem que sim. São o barómetro, a melhor estatística...

Do Alto Minho, grande Amigo remete um cheque «para as necessidades da Conferência com o pedido de que sejam lembradas também as minhas necessidades» — disse. Estão na Mão do Senhor nosso Deus. Ele regista tudo, as mais pequeninas intenções e até as nossas omissões. É Rei e Senhor!

Voltamos à capital: «Pequena mi-galhinha» da assinante 12313 para

dividirmos ao nosso critério, na medida em que, afirma, sabemos onde se encontram, de momento, as maiores dificuldades.

Ainda de Lisboa, 1.000\$00 da assinante 20014 que «muito gostaria de poder enviar mais, mas é dado com o coração e em agradecimento ao Senhor Jesus por ter dado tanta Força e tanta Graça a Pai Américo...» Se há dedicatória para nós sublime, esta será das maiores. Não tenha dúvida — estimada Amiga dos Pobres — Pai Américo, no Céu, depositou-a já na Mão de Deus. É assim, face a face..., no Reino dos Justos.

No Espelho da Moda: 1.000\$00 «de uma anónima para uma Viúva necessitada»; 300\$00 de «um vicentino»; 1.000\$00 de «uma portuense qualquer» relativa ao mês de Abril, com muito carinho e amizade; cheque da Rua Júlio Dinis; 1.500\$00 de Maria do Rosário; 200\$00 da assinante 19177; e 1.000\$00 de uma anónima para abatermos «a conta da electrificação de uma moradia do Património dos Pobres, de Paço de Sousa, que me propus pagar». Agora, sim; a obra está no fim. Já entregámos ao electricista quarenta contos e ainda não sabemos quantos serão precisos mais.

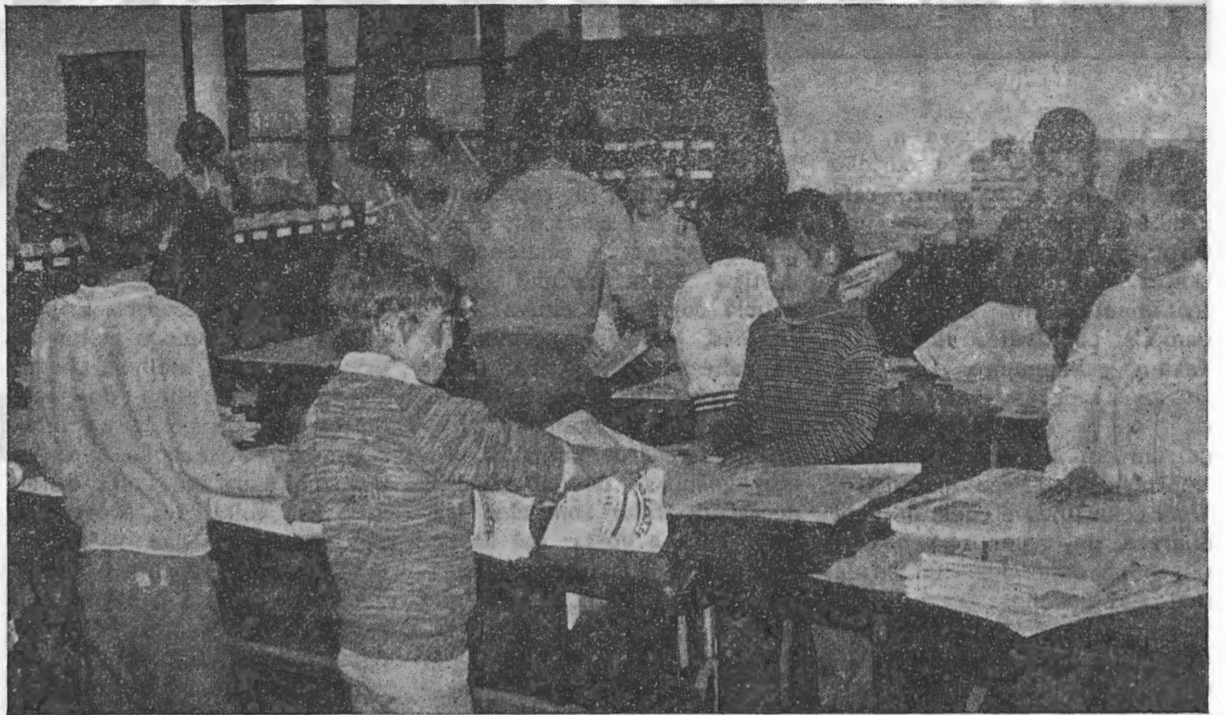
O assinante 9790 traz sempre uma nota cristã:

«Junto uma pequenina gota em cheque.

Ao recordar o nosso tempo de infância e ao pensar nas nossas Crianças de agora, ouse pedir uma oração ao Senhor para que todo o Bem as rodeie e preparemos o seu futuro semeando só o que é agradável aos olhos de Deus — e assim nasça para elas um Mundo de Esperança, sereno, confiante, bom.»

É tudo. Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



O GAIATO é dobrado pelos mais pequeninos, qual abraço carinhoso aos nossos Leitores!

Sim. Corremos todos. Mas vale a pena... «quando a alma não é pequena» — diz o poeta. As máquinas estão para os rapazes, não os rapazes para máquinas... Eis! — diria Pai Américo.

CONTAS — O papel d'O GAIATO voltou a encarecer. Muito! Aumenta quase todos os meses! Não vamos perguntar porquê. É um círculo vicioso. Tão pouco questionar porque se não fabrica papel de jornal, de qualidade, em nosso País...

Chegaram 500 resmas. Custaram mais de mil contos e darão, só, para quatro meses e pico.

A impressão d'O GAIATO, de qualquer jornal, fica, hoje, a peso d'ouro, apesar de alguns benefícios (subsídio de papel e porte-pago) ao arbítrio

de quem vem... Aliás, já soa a notícia de que «o porte-pago vai ser restringido para a Imprensa especializada, e será condicionado a um ano de publicação».

É de crer que não sejamos abrangidos pela nova regulamentação, porque O GAIATO mexe com o Homem todo, todinho; com os problemas gerais e particulares da sociedade — do mundo em que estamos inseridos. O GAIATO é o que é... e jamais mudou ou mudará de feição, do rumo que Pai Américo lhe imprimiu.

Ouçamos a voz amiga de um Leitor, distinto General do Exército Português, de consciência mais virada para a Paz do que para a guerra destruidora:

«Meus bons Amigos: Aqui venho fazer as minhas «contas» convosco. E digo «contas» porque não se trata só — nem sobretudo — de pôr em dia a minha assinatura d'O GAIATO. Sei que mais impor-

tante é a ligação — a verdadeira comunidade — que o Jornal estabelece entre todos os que, de dentro ou de fora, continuam a beneficiar da chama que Deus acendeu no coração de Pai Américo.

Demos graças a Deus, pois, passados estes anos todos, O GAIATO mantém-se igual a si mesmo!»

É verdade; há mais de um mês que os ficheiros d'O GAIATO são removidos em cata de atrasadinhos, para os quais segue um postal-aviso referindo o último contributo, e motivando o Assinante a pôr contas em dia. Só é pena, realmente, face a naturais limitações, não ser fácil enviar uma lembrança pontual! Apesar de tudo, porém, os nossos Amigos correspondem, na generalidade, e já compreendem melhor o interesse (mútuo) de nos indicarem, claramente, o seu nome e o número da assinatura.

Cont. na 4.ª pág.

UM RECADO aos antigos Gaiatos da região Norte do País

Uma comissão promotora convida todos os antigos Gaiatos da região norte do País a marcarem presença (com os seus familiares) numa festaconvívio a realizar em 22 de Julho na Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Solicitamos, ainda, a presença do maior número possível de companheiros às reuniões que efectuamos, no último sábado de cada mês — no Lar do Gaiato, do Porto, à Rua D. João IV, 682 — para, na parte que nos toca, prepararmos a comemoração do centenário do nascimento de Pai Américo e não só; temos por objectivo, também, a formação de um núcleo para estudarmos as melhores formas de entreaajuda e comunicação entre os antigos Gaiatos.

Lourenço Martins (ex-«Rola»)

Retalhos de vida

«Vila Real»



Sou o Alfredo Augusto Gonçalves Araújo, mais conhecido por «Vila Real».

Nasci no dia 16 de Outubro de 1968, em Lisboa. Depois, por falta de habitação, fui para Vila Real de Trás-os-Montes.

O meu pai abandonou-me quando eu já tinha sete anos e a minha mãe teve de me criar, sózinha, e ainda uma irmã minha, doente mental! Custou-lhe muito, porque ela, no trabalho, só ganhava sete contos.

Eu andava, por lá, na Escola, mas era um aluno muito preguiçoso. Não estava com atenção nas aulas. Não estudava. Andava sempre na rua, na vadiagem com outros rapazes.

Vim, depois, para a Casa do Gaiato, em Paço de Sousa, com o auxílio de uma Religiosa, muito amiga, de Vila Real. Mas, um dia, fugi de cá. Uma daquelas malaqueiras que nos dão... Entretanto, regresssei; e, agora, estou contente porque não há melhor lugar do que este. Gosto de estar nesta nossa Aldeia tão bonita! Trabalho na vacaria, onde temos vacas da Holanda. Mas, quando for altura, gostaria de ser serralheiro mecânico.

Mando cumprimentos para os Leitores d'O GAIATO.

Alfredo Araújo («Vila Real»)

PARTILHANDO

■ A tarde começava a cair sob o peso da escuridão dos trovões e a chuva caía também apressadamente em forma de pingas grossas e distantes que se aproximavam lentamente. No fundo dos campos, os cavalos ainda pastavam calmamente. Um dos nossos rapazes vai tirá-los da chuva e espantam-se, correm por todos os caminhos contrários ao seu paradeiro. Uma cena linda e cheia de vida aparece de repente a nossos olhos: no cimo dos campos da mata «Lourinho» corre, indiferente à tempestade, atrás dos animais — mãe e dois filhos — quase a acompanhar a velocidade, a elegância e a beleza daquela liberdade!

Desci a avenida para ver melhor o desfecho daquilo tudo. Ainda vi o que há de melhor nas relações homem-ani-

mais. «Lourinho» e os cavalos! Ele a falar no seu mau comportamento, a repreender, a castigar e a acariciar; e eles a corresponder, aceitando o castigo e o carinho. Após aquela correria à chuva e aos trovões, «Lourinho», molhado da cabeça aos pés, vai tratar de si sómente depois de deixar os cavalinhos enxutos e a comer a ração de palha. É preciso gostar-se dos animais! É necessário falar com eles, tratar deles e gostar até da rebeldia dos seus coices. «Lourinho» que o diga... Ele é que sabe.

Vejamos mais isto: A égua mais pequenina precisa de ser ensinada e educada. «Lourinho» condu-la até ao campo, onde pastam as nossas vacas. Desabitadas de ver animais diferentes, e outras cores para além do preto e branco, vêm

todas admirar aquela beldade. Ora, a pequena égua, não habituada a tais admirações, espanta-se e foge das mãos do «Lourinho». Mas não desiste! Vai e repete-se a mesma cena. É preciso não desistir... E, pela última vez, o moço volta ao princípio para melhor chegar ao fim. «Lourinho», no meio do campo, de corda na mão, segurando e fazendo girar a pequena égua em volta de si. E, à sua volta, dez espectadores atentos — as vacas — admiram com espanto e envolvem com ternura o cavalo e o cavaleiro. Mais atrás, envolvidos também naquele espectáculo, divertíamo-nos, ríamos — como se dum circo ao vivo se tratasse. Ali, e mais uma vez, «Lourinho» era o artista, o domador, o cavaleiro — o centro da acção. Por ele e por eles é que tudo assim é e acontece. E, por isso, os animais também são espectáculo cheio de vida, em nossa Casa.

■ Houve «tribunal», naquele dia. O caso metia dinheiro escondido nos bolsos do cozinheiro da quinzena de venda, no Lar do Porto, por dois pequenos vendedores. Um destes, ao ver-se descoberto, fugiu para não ser castigado.

Regressado e chamado a contas é o menos castigado porque a culpa é menor. No fim do «tribunal» vem ter comigo e diz: «Esqueceu-se de me dar os meus outros castigos!...» É verdade! Algo estava esquecido e veio lembrar. É que fugira com receio do castigo... antes de ser castigado. Mas na hora de prestar contas, por contas mal dadas, pede-o livremente! Tudo ali foi remido e esquecido por uma lembrança séria, já que a falta era de seriedade. São assim os nossos «tribunais»!

■ Elói e «Pastelão» combinaram e foram ver os comboios à estação de Cête. Mais uma vez! Era já ao entardecer, quando demos pela sua falta. Alguns dos seus colegas ainda foram procurá-los. Em vão. Ao outro dia, de manhã, estavam deitados em sua cama. À tarde foram chamados a «tribunal». O Elói, cheio de rasgo e à-vontade, diz que iam fugir num comboio para França. Que isso de bilhete ou passaporte tinha pouca importância, pois tudo estava planejado para a fuga, escondidos numa carruagem qualquer. Afinal é tão fácil ir a França no comboio do Elói!... E o «Pastelão», ainda novo e às voltas com a dificuldade de adaptação, chorou quando se perguntou o que tinha ido fazer à estação. Foi uma tentação... Como prometera, da primeira vez que fugira, não voltar a fazê-lo, arrependeu-se e voltou para trás. E torna a prometer, chorando, que não fugiria mais.

No dia seguinte o «Pastelão», já à distância das emoções da-

quele «tribunal», diz-me a sério mas a sorrir: — Prometer não custa, cumprir é que é difícil!

«Pastelão» é o seu apelido por via das pratadas de comida de que se servia sem apetite, efeito da fome que passava e da falta de regras para viver. Disse-nos que gostaria de ser professor. Por aquela conclusão sobre o custo das promessas, aos catorze anos, ficamos a saber que o «Pastelão» tem queda para professor de ciências políticas. E como a nossa Pátria precisa... desta ciência do pequeno professor!

— Prometer não custa, cumprir é que é difícil!

■ Está a aumentar o número de pessoas pobres que batem à porta da nossa Casa, pedindo ajuda. Como a situação de miséria de muitas famílias começa a ser caso corrente, há logo quem se aproveite disso, com o oportunismo próprio destes momentos de dificulda-

des sociais: Era um grupo de cinco mulheres da mesma aldeia, mas com carências diferentes. Três delas adiantam-se e falam dos seus dramas, apresentando certificado de verdade, através da carta do pároco. As outras duas, mais recuadas, ora se sentam ora se levantam, revoltadas, com ares de quem ouve mentiras contadas como verdades. Escutá-mos, então, tudo o que estas duas mulheres, ansiosamente, queriam dizer. Muita coisa sobre a sua situação de pobreza envergonhada e outras coisas acerca da pobreza não envergonhada das suas companheiras de viagem! Alguma verdade paira no meio desta confusão!...

Pedimos aos párocos o máximo rigor na verdade, ligada aos casos de maior pobreza, quando passem a carta de recomendação e para evitarmos conflitos — mais um! — entre os Pobres.

Padre Moura

NOTAS DA QUINZENA

Cont. da 1.ª pág.

tudo pronto e lindo. É maravilhoso!

□ Tantos conselhos demos ao Félix...! Tanto lhe aturámos ao longo dos anos que esteve connosco! Ele é de origem cigana e veio ter a nossa Casa porque foi abandonado, pelos seus, num hospital. Não foi capaz. Fugiu para o Porto. Teve alguns amigos enquanto teve algum dinheiro. Tudo acabou... Escreveu ontem da cadeia de Bragança — perdido, triste e sózinho.

As dores, em nossas vidas, quase sempre nos dão momentos vivos de reflexão oportuna. Que o Félix os aproveite e tragam à sua alma arrependimento e maturidade.

□ O «Mocho» fugiu segunda vez. Da primeira pôs a sua Casa do Gaiato pela rua da amargura em casa dum senhor de Gaia — a ponto deste telefonar aos chefes do nosso Lar, no Porto, onde o «Mocho» trabalha, a dizer que éramos uma «fantoçada» — porque não foram logo a correr pelo menino.

Ora ele fugiu com o medo de levar um puxão de orelhas, por ter maltratado as senhoras com palavras feias. Que bom se o tal senhor, em vez de dar crédito às suas histórias, lho tivesse dado. Deu-o aos chefes — seus irmãos — a quem o «Mocho» faz doer a cabeça todos os dias.

Esta segunda vez fugiu porque o dinheiro duns visitantes caíu no seu bolso e não safou mais.

Voltou, ontem, mas pelo seu pé, meu rico senhor de Gaia.

Optou. Já com dezassete anos é tempo de por si distinguir o bem do mal; o belo do feio; o útil do nocivo; e escolher.

□ Dia do Corpo de Deus! Um grupo dos nossos Gaiatos fez a Comunhão Solene e a Profissão de Fé.

Muitas flores e pétalas nas ruas da nossa Aldeia que o Senhor pisou com nossos pés. Também o deleite ao passar sob os carvalhos frondosos. Sobretudo, feliz com cada um de nós — todos somos o primeiro no Seu coração.

Comemos o Seu Corpo! Sentimos o Senhor nas coisas e no coração!

Ficamos membros vivos! «O que come este Pão viverá para sempre.»

A Vida do Senhor em nós! E a nossa, d'Ele e dos irmãos. Assim nós tomemos consciência desta realidade maravilhosa.

A seguir, cada um de nós dê a todos os outros a novidade:

Eu vi o Senhor!
Ele está dentro de mim!
Eu O sinto!

Depois, não O percas na primeira rua, na primeira queda, no primeiro respeito humano. Sempre, dentro de ti, a certeza de que Ele se debruçará sobre ti como sendo tu o primeiro e único.

A Mesa esteve posta... Está sempre. Tantos, porém, recusam o Corpo de Deus!

Padre Telmo

O NOSSO JORNAL

Cont. da 3.ª pág.

ra tais quais vão nos jornais que recebem — para a eficiência dos nossos serviços. No entanto, quantos não possam cumprir o compromisso da assinatura, tenham a bondade de nos esclarecer que o jornal continuará a seguir.

NOVOS ASSINANTES — Deveríamos ter começado a nota por aqui, não fosse a acuidade dos pontos anteriores. Tem sido uma multidãozinha de novos Assinantes!

Do Sul, dezenas da região de Alcochete e Montijo, pela acção do Padre Carlos. O Padre Abel foi a Guimarães e motivou mais de duzentos vimeiranos. O Bem que fica, gera, depois, mais e mais. Assim, chegam listas de novos Assinantes por mão de quem não deixa arrefecer o Fogo, queimando, de mansinho, outras almas, outros corações: muitos novos Leitores de Bombaral, Amarante e do grande Porto.

Quem nos dera espaço para melhor focarmos o resto da proclamação, via postal! Sublinhamos, no entanto, a devoção duma Professora dos lados de Viseu, qual porta-voz de todos quantos se dedicam, afincada-

mente, à expansão do «Famoso»:

«De vez em quando lá consigo que um aluno se torne assinante de O GALATO. É meu costume levar o jornal para a Escola (sou assinante desde o meu primeiro ano de professora) e gosto de proporcionar a sua leitura. Então lá aparece um ou outro que os pais podem e deixam assinar. Confiante que não faltarão com o pagamento, agradeço não demorem a enviar o nosso querido jornal, pois eu demorei uns dias... São os afazeres que o Senhor sabe e perdoa.»

Por fim, uma breve referência a outros pontos de partida da proclamação: Lisboa, Monchique, Portalegre, Amadora, Pombalinho (Soure), Queluz, Alenquer, Sines, Covilhã, Fundão, Coimbra, Viseu, Vila Nova de Gaia, Vila do Conde, Gemunde (Maia), Elvas, Águas de Moura, Barreiro, Albufeira, Setúbal, Penafiel, Santa Comba Dão, Póvoa de Lanhoso, Cernache do Bonjardim, Santiago de Bougado (Trofa), Valongo, Ermesinde, Braga, Castelo Branco, Canidelo (Gaia), Valbom (Gondomar), Pardelhas (Murtosa), Carvalhos (Gaia), Gondomar, Silves, Alvaiázere e Ontário (Canadá).

Júlio Mendes



Director: Padre Telmo
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Galato - 4560 PAÇO DE SOUSA - Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Galato - Paço de Sousa